

EDUCAÇÃO-CUBA

NEM SÓ DE PÃO VIVE O HOMEM

Guillermo Díaz Rodríguez



Hoje, ninguém duvida de que um indicador importante da qualidade de vida de um povo é o seu sistema educativo. A eficiência do trabalho realizado na formação de cidadãos cultos expressa o respeito a um direito fundamental do ho-

mem e é um procedimento prático para torná-lo um ser pleno e feliz. “-Ser culto é o único modo de ser livre”, disse José Martí, o Apóstolo da independência cubana. Sob esse lema, trabalha-se em Cuba – dia a dia, desde o século passado – para consolidar o que se conquistou nos últimos 35 anos e para vencer os problemas

que afetam hoje a complexa tarefa de ensinar e aprender, de instruir e educar.

Nestes primeiros anos da década de 90, apesar dos pesares, a educação em Cuba continuou avançando. Mas como foi possível em meio a tantas dificuldades? Do meu ponto de vista, por uma simples razão: em Cuba, a

educação continua sendo uma prioridade, uma prioridade política e também uma prioridade na prática cotidiana. Temos educação porque continuamos tendo Revolução. Temos educação de qualidade porque nada é mais importante para a Revolução do que o homem. Humanismo: essa é a chave. Nada poderia ser feito se o homem e suas necessidades, suas utopias e suas realizações não fossem o centro dos desvelos de toda a sociedade e daqueles que a dirigem.

Desde os primeiros momentos, a educação revolucionária definiu sua política e tal condicionamento trouxe ao sistema uma coerência que é outra das chaves que levou aos resultados obtidos. Muitos erros táticos podem ter sido cometidos; mas, na sua vocação estratégica de autoaperfeiçoamento, a educação cubana foi amadurecendo, foi se desenvolvendo. A consciência de que o conquistado não é perfeito e de que a luta pela qualidade será sempre o pão nosso de cada dia, garantem a sua continuidade e o seu crescimento.

Quando triunfou a Revolução, em 1959, a situação educacional em Cuba era bem diferente. Com uma população que não chegava aos sete milhões de habitantes, o país possuía mais de um milhão de analfabetos, mais de meio milhão de crianças sem escolas, um ensino de primeiro grau ao qual somente a metade da população escolar tinha acesso, um ensino de nível médio e superior que era privilégio das minorias que viviam nas maiores cidades e mais de dez mil professores sem trabalho – apenas para dar alguns exemplos.

Era, na realidade, uma situação caótica, sinal da indiferença dos governos de plantão diante de uma atividade substancialmente ligada à melhor parte da natureza do homem: sua inteligência e sua sensibilidade, seu cérebro e seu coração.

Somente um processo como o que se levou adiante a partir de 1959 poderia dar um fim àquela situação. Era necessário eliminar as causas que, a cada ano, tornavam mais abismais as diferenças entre os ricos e os pobres. O resto já é parte da história do povo cubano.

A obra começou bem cedo, tendo como denominador comum uma profunda participação popular e uma clara definição da política a ser seguida. A educação do povo converteu-se numa meta capital e numa obsessão da sociedade como um todo. A Campanha Nacional de Alfabetização, em 1961, talvez tenha sido o ponto mais alto deste início. Aquela gigantesca epopéia política e cultural não foi apenas um gesto humanista, foi também a base imprescindível para o desenvolvimento educacional alcançado pelo país e que se expressa nos seguintes fatos:

Em Cuba, a educação é, na realidade, um direito e um dever de todos. Qualquer cidadão cubano tem as mesmas possibilidades de acesso à educação independentemente de sua idade, sexo, grupo étnico, local de residência ou crença religiosa.

A educação do povo não é só tarefa da escola, mesmo que esta represente seu principal elo. Todas as organizações e instituições sociais atuam neste sentido, convertendo tão complexa tarefa numa ação democrática e popular.

O sistema educativo foi articulado de tal maneira que, desde muito cedo, inculca-se no cidadão a convicção de que a interdependência entre o estudo e o trabalho constitui a base essencial de sua formação. Tem-se criado condições para que crianças e jovens adquiram uma consciência de produtores de bens sociais e aprendam que só terão na vida aquilo que forem capazes de ob-

A educação cubana em números

- ✓ a taxa de alfabetização do país é superior a 95%
- ✓ taxa atual de escolaridade:
 - até 11 anos: 100%
 - de 12 a 14 anos: 94%
- ✓ centros de ensino médio: 13.000
- ✓ centros universitários: 45
- ✓ cubanos estudando: 2.400.000
- ✓ alunos internos: 380.000
- ✓ alunos semi-internos: 663.000
- ✓ total de docentes: 250.000
- ✓ crianças na pré-escola: 150.000
- ✓ alunos de educação especial: 57.000
- ✓ estudantes de Ensino Técnico e Profissional: 224.000
- ✓ alunos de Educação para Adultos: 115.000
- ✓ alunos de Educação Superior: 224.000
- ✓ graduados desde 1959:
 - da Educação Técnica e Profissional: 1.345.700
 - do Subsistema de formação de pessoal pedagógico: 496.000
 - da Educação Superior: mais de meio milhão
- ✓ população do país: cerca de 11 milhões de habitantes.

N.T.: A 9ª série, no ensino cubano, é o último ano do "secundário", que, no Brasil, equivaleria à 1ª série do 2º grau.

ter por meio do trabalho, esse “grande pedagogo da juventude”.

O ensino é gratuito para todos. Em condições econômicas tão adversas como as atuais este princípio continua em plena vigência e, para tanto, o Estado faz os esforços que forem necessários. Hoje, muitas fábricas estão sendo fechadas, mas todas as escolas continuam abertas e em funcionamento.

Ter conseguido a materialização de tais objetivos não significa, de modo algum, ter alcançado aquilo que, em termos de educação, o país aspira e necessita. O auto-aperfeiçoamento contínuo do sistema, que sempre foi uma de suas prioridades, adquire, nas condições atuais, importância de primeira ordem. A Educação deve contribuir decisivamente no período de transformações que está atravessando a sociedade cubana. O desafio tem proporções inimagináveis e por isso já está em andamento a aplicação de uma política que se empenha em resolver as contradições e insuficiências que se têm apresentado.

Ninguém medianamente informado nega, atualmente, a obra educacional de Cuba. Nenhum outro país do Terceiro Mundo – ao qual pertencemos, mesmo que alguns freqüentemente se esqueçam disso – conseguiu erradicar o analfabetismo e o atraso escolar, diminuiu a níveis pouco significativos as taxas de repetência e evasão, elevou a escolaridade média da população à 9ª série ou tem em exercício um professor para cada 45 habitantes.

Poucos países da região têm conseguido com que todos os professores da educação primária possuam título idôneo para exercer suas atividades ou que, no nível médio, 87% de seus professores tenham formação pedagógica universitária – apenas para citar alguns indicadores quantitativos. Mas o problema se as-

socia, agora, fundamentalmente à qualidade. Vejamos em que sentido.

No que se refere a planos de estudo e programas, o Sistema Nacional de Educação manteve um critério único que em nada contribuía para atingir o nível de flexibilidade necessário para adequar-se às características das diferentes regiões do país, com o conseqüente resultado da aplicação de planos insuficientemente ajustados às particularidades da realidade – em transformação acelerada – e aos interesses das crianças e jovens.

Pesquisas realizadas mostraram a evidência de que, em termos qualitativos, o nível dos resultados de aprendizado e de formação integral dos estudantes não se relaciona suficientemente com a prioridade, os esforços e o montante dos recursos destinados à educação.

Quanto à formação do pessoal docente, as análises críticas que vêm sendo realizadas assinalam uma tendência à teorização que não é compatível, de forma alguma, com a intenção de formar as novas gerações sob o princípio da combinação harmônica da teoria e da prática.

Está absolutamente claro que, no afã de democratizar a educação cubana, a extensão e universalização dos serviços educacionais têm sido algo muito importante. Hoje, no entanto, torna-se imprescindível o objetivo de consolidar o estilo de trabalho das escolas, de maneira que pela sua organização, pelo nível de participação e decisão de seus integrantes e pelas suas funções, sejam cada vez mais democráticas.

Deste ponto de vista, a Educação Superior também está buscando consolidar suas tendências de aperfeiçoamento que dizem respeito, fundamentalmente, a: uma maior integração das Universidades com as unidades de produção e de serviços; um aumento do grau de descentraliza-

ção, que facilite às autoridades de cada centro maiores possibilidades para transformar os planos de estudo em relação às necessidades e condições da região onde se encontra e da própria comunidade com a qual se inter-relaciona, e a conversão da ciência na lógica fundamental do aprendizado, por meio de uma maior integração dos aspectos acadêmicos, laborais e de pesquisa nos afazeres cotidianos.

Cada nível tem hoje seus próprios objetivos de aperfeiçoamento e modernização. Cada dirigente, técnico ou professor do Sistema Educacional Cubano está empenhado neste esforço que se faz mais complexo pelas difíceis condições econômicas nas quais se realiza. Mas existe o consenso de que não pode haver outra alternativa. Neste sentido, a cooperação é imprescindível.

A educação cubana é um sistema aberto que se nutre do melhor de nossa própria tradição pedagógica e daquilo que se fez e se faz, no mundo, para avançar sobre bases seguras, por isso o intercâmbio internacional cresce a cada dia, especialmente com o nosso tronco comum: a América-Latina e o Caribe. Muito é o que estamos tentando aprender de outras experiências e, quem sabe, parte das nossas possa ser útil em algum lugar. Claro, não se trata de extrapolações miméticas e estereis, esses dissabores também os conhecemos. Trata-se de uma integração inteligente e enriquecedora em prol de objetivos comuns. Trata-se, enfim, de trabalhar unidos pela educação de nossos filhos, esse alimento tão necessário ao homem, como o pão que consome a cada dia.

Guillermo Díaz Rodríguez é Doutor em Ciências Pedagógicas e Representante do Ministério da Educação de Cuba no Brasil.

Tradução: Graciela Foglia e Leonardo Chianca.